

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Foz de Iguazú

Class.: Político Indig. Oficial

Data: 27 de julho de 1972

Pg.: 73

Política e Política Indígena

Luiz Carlos Lisboa

Aqueles a quem o desenvolvimento brasileiro causa desgosto têm denunciado, sempre com um empenho digno de nota, antagonismos inconciliáveis entre o crescimento nacional — como está sendo conduzido, dizem eles — e a distribuição da renda, a pureza do meio ambiente e as liberdades civis. Agora, quando o noticiário dos jornais dá conta de alguns lances do trabalho de integração nacional do índio, promovido pela Funai, surgem denúncias de um novo antagonismo: o ímpeto nacional de abrir estradas estaria entrando em conflito com a política indígena preconizada por Rondon.

A imprensa com que essas notícias negativas — apurada a sua veracidade ou não — dão a volta ao mundo é um fenômeno que está a exigir estudo apropriado. A Europa e os Estados Unidos voltam a comentar as maldades perpetradas pelo governo brasileiro contra pobres índios e um campeão de outras campanhas prepara lança o escudo para investir contra moínhos que mal divisou na distância. Ralph Nader, advogado dos consumidores norte-americanos, já partiu para a América do Sul — informam os jornais — em demanda desse Santo Graal que é a justiça entre os homens.

Antes que apareça o libertador do índio brasileiro, há oportunidade para algumas considerações a respeito desse tema inesgotável que é a proteção e a integração do indígena, tarefa que um dia coube ao Serviço de Proteção aos Índios e hoje está nas mãos da Fundação Nacional do Índio. Esta última entidade engloba hoje as funções do SPI, extinto em boa hora, e as relativas ao Conselho Nacional de Proteção dos Índios e Parque Nacional do Xingu, igualmente desaparecidos.

Centenas de entrevistas com antropologistas, sociólogos, indigenistas, autoridades e curiosos, foram feitas a respeito do assunto, sem que se tivesse posto em destaque o grande impasse que se esconde por trás de siglas pomposas e palavrório inútil. O aproveitamento político da questão é duplamente vergonhoso na medida em que serve para denegrir um governo e atira lama sobre o caráter de todo um povo — mas principalmente porque se trata de um problema realmente sem solução, embora essa possa parecer uma formulação imperdoavelmente pessimista.

A palavra *integração* diz bem do condicionamento que limita a nossa visão do assunto. Tudo o que se fez pelo índio e continua sendo feito assenta no pressuposto de que há uma cultura — a nossa — que quer ajudar, salvar, recuperar, beneficiar uma outra cultura — a deles. Estabelecida essa divisão talvez bem intencionada de campos, multiplicam-se os pontos de vista, as técnicas e as concepções. Num ponto todos estão de acordo: a necessidade de integrar o índio, quase diria "selvagem", adaptando-o à nossa superior escala de valores, ao nosso modelo cultural.

Há pouco mais de um ano, o presidente da Funai declarou a um jornal que "os índios estão saturados da vida no Parque Xingu", que o desejável seria a integração rápida dos indígenas na vida nacional. Acrescentou que estava disposto a iniciar a

instrução de silvícolas nas profissões de carpinteiro, bombeiro-encanador, mecânico geral e mecânico de automóveis. O que tinha a aparência de um programa de trabalho não era senão uma definição de prioridades, uma conceituação antropológica, filosófica, psicológica. Em outras palavras, era isso: para um sujeito que anda sem roupas, que dorme em redes rudimentares, que come o que caça e pesca com as próprias mãos, o aprendizado de uma profissão útil é um presente do céu.

Todo e qualquer contato da cultura indígena com uma civilização diversificada como a nossa — não é preciso conhecer a história triste dos índios integrados pelo SPI e pela Funai para saber disso — equivale à imediata destruição do índio, quer como indivíduo, quer como coletividade. Não é válido deduzir dessas divagações que a nossa cultura é maléfica em si mesma, ou que a vida primitiva nas selvas é capaz de gerar, por si mesma, um homem melhor. Os antropologistas explicam essas coisas, embora nem sempre sejam unânimes, com maior propriedade científica e certamente com um desembaraço mais flagrante. Pena que não o façam com maior frequência — ou que não sejam solicitados a fazê-lo por aqueles que têm por missão esclarecer a opinião pública, destruir os mitos e levantar problemas que dormem na consciência popular como uma relíquia num museu.

A insolubilidade do problema está no fato de que os contatos de tribos com o mundo dito civilizado é inevitável. Ninguém defenderia o imobilismo econômico e o abandono de estradas em construção por respeito a culturas indígenas que não devem ter contatos com a nossa. Mesmo porque esse encontro acabaria por ocorrer, mais cedo ou mais tarde. Por outro lado, não existe aproximação adequada, vise ela à integração do índio ou a contatos em bases de absoluta igualdade e respeito, uma vez que são os valores, os bens, os gostos do nosso mundo que exercem efeito destruidor e corrosivo, e não nosso comportamento social em relação a eles.

Em *O Ingênuo*, Voltaire conta as peripécias de um índio iroquês que desembarcou na França de Luís XIV, levando como bagagem uma sinceridade que em pouco tempo haveria de trazer-lhe a hostilidade dos civilizados. O antagonismo inconciliável — esse real porque não é manobrado com intuítos políticos — entre diferentes culturas é pintado, na obra, com a irreverência e o brilho do velho Voltaire, numa época que pouco sabia de indianismo e "pensamento selvagem".

"Integrar o índio sem quebrar suas tradições" soa tão romanticamente quanto as denúncias de que "o agressivo desenvolvimento econômico brasileiro vai prejudicar a política indianista de Rondon". O mal é inevitável, a cultura indígena existirá apenas em museus, dentro de mais um século. Diante do inevitável, não há senão o consolo de se fazer as coisas do modo menos doloroso possível. Resta a esperança de que a Funai, os irmãos Villas-Boas e quem mais esteja ligado a essa missão, disponham dos elementos e da sensibilidade necessários à dolorosa tarefa.